

ELISEU SAVÉRIO SPOSITO: A CONSTRUÇÃO DO ARGUMENTO
E A DEFESA DA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Leandro Bruno Santos

*Universidade Federal Fluminense (UFF)
E-mail: leandrobrunodossantos@yahoo.com.br*

Introdução

Vivemos um momento marcado pelo ataque às ciências humanas, em nome de uma ciência única que seja capaz de produzir resultados e ganhos imediatos, pela disseminação de “fake news”, propiciadas pelas tecnologias da telemática, desobrigando qualquer exercício de análise e síntese essenciais ao pensamento crítico, e pela descrença em torno do “progresso”, levando à personificação de mitos e à rejeição da ciência como possibilidade de superação de nossos problemas fundamentais. As ciências humanas estão no centro dos ataques porque contribuem para mostrar a incapacidade da ciência de estabelecer suas prioridades, desnudando os interesses políticos e econômicos.

Essa homenagem veio em boa hora, num momento em que a universidade, acossada por políticas de cortes de recursos, é rotulada como o ambiente da balbúrdia. Participar dessa homenagem é uma oportunidade de mostrar a importância da trajetória de intelectuais na nossa capacidade de cultivar o juízo crítico e no crescimento civil e cultural essenciais à nossa existência e reprodução social. Trata-se de mostrar sua contribuição não apenas na nossa formação profissional, mas também nossa formação ética e política necessárias ao exercício da cidadania. É uma oportunidade de mostrar a contribuição

não apenas epistemológica, tão necessária para uma leitura crítica da produção do conhecimento, senão ainda ontológica, presente nos sentidos do conhecimento produzido, na visão de ciência e de sociedade.

A convivência com o homenageado por dez anos, da graduação à pós-graduação, foge dos protocolos acadêmicos de impessoalidade da redação acadêmica. Minha homenagem fará uso da primeira pessoa e é bom lembrar que os fatos e argumentos construídos são um esforço de rememorar um passado adormecido e materializá-lo no presente, levando a uma ressignificação dos acontecimentos num outro espaço e tempo. Escrever esse texto me mostrou o quanto o homenageado segue presente na minha visão de mundo e de Universidade, nas relações interpessoais, de modo que, mais do que as contribuições teórica e epistemológica, guardo uma influência ontológica que transcende o modo de produzir o conhecimento.

Escolhi uma narrativa que aborda três momentos ou marcos importantes da forma como Eliseu marcou, indelevelmente, minha formação acadêmica, profissional e pessoal. Transcrevo a narrativa de maneira linear, como forma de encadear melhor as ideias, mas é bom lembrar que esses momentos só podem ser entendidos enquanto partes em movimento, numa totalidade.

O contato e a orientação

Em abril de 2002, após ser contemplado com uma bolsa do Programa de Apoio ao Estudante (PAE), tive que, já no primeiro ano de graduação, pensar num orientador para me apoiar na elaboração de um projeto de pesquisa e me acompanhar durante o período de vigência da bolsa. Àquela época, minha paixão pelos fenômenos econômicos e as aulas de introdução à economia reforçaram o meu desejo de conhecer esse campo disciplinar. Mas antes, como hoje, para nós alunos(as) recém-chegado(a)s ao ambiente universitário, parecia tão difícil ser aceito pelos (as) professores (as).

Devo ao professor Everaldo a indicação do professor Eliseu para me apoiar com a bolsa PAE. Não conhecia os professores do departamento, as

disciplinas do primeiro ano eram propedêuticas, ministradas, em sua maior parte, por professores de outros departamentos. Lembro-me que, após as conversas com outros alunos (Daniel de Souza Medeiros foi um deles) que trabalhavam com Eliseu, a minha angústia só aumentou, tratava-se de um professor e pesquisador com muitos(as) orientandos(as) e com grande respeito e influência na comunidade acadêmica. Isso só fez aumentar a angústia e o medo de não ser aceito, cabia ao professor assinar o meu termo de aceitação.

O meu primeiro contato com Eliseu ocorreu no corredor do departamento de Geografia, criei coragem e decidi abordá-lo, o prazo expirava e eu não tinha entregue o plano de atividades assinado à Diretoria Técnica Acadêmica (DTA). Enquanto falávamos, eu tremia muito, sequer conseguia esboçar o que poderia estudar no âmbito da Geografia Econômica. Eliseu demonstrou uma compreensão e generosidade muito grande, inquirindo-me sobre minhas origens, atividades econômicas existentes no meu município, entre outras perguntas. E, com essa sensibilidade, logo me conduziu a estudar a produção de cimento no município de Itapeva, atividade econômica muito conhecida pelo Eliseu, que estava finalizando a orientação de Marcia Ajala de Almeida sobre o tema.

Faço essa descrição minuciosa para mostrar não só a humanidade do homenageado, num ambiente às vezes insólito e frio, mas principalmente uma qualidade admirável no meio acadêmico, que é a disposição para apoiar os alunos nas escolhas de temas de pesquisa sob os quais têm domínio e amplo conhecimento, mas também de adentrar temas pouco conhecidos, visando alargar seus conhecimentos. As suas orientações abrangiam do ensino da Geografia, passando pela cartografia e pela produção e apropriação da renda fundiária até as abordagens econômicas da industrialização. Apesar da tendência à fragmentação inter e intra campos dos saberes que acomete a nossas ciências, Eliseu demonstra uma trajetória que combina a visão em profundidade em alguns temas, sem se esquecer da visão panorâmica, para não perder as interrelações e a totalidade.

Numa auto-avaliação de sua trajetória no GAsPERR, na qual procura enfatizar os princípios básicos para a formação do grupo e delinear a sua participação, Eliseu menciona a reorientação de seus temas de pesquisa, “passando das questões do ensino de Geografia e da sala de aula para as abordagens econômicas do processo de industrialização e de suas repercussões na cidade e na escala da região”¹. Mais adiante, reforça que “estava oscilando, nesse momento, entre a estrutura e dinâmica da indústria e a produção e apropriação da renda fundiária” (p. 55). A partir de 1996, “a indústria, a produção do espaço urbano, o emprego e a dinâmica populacional permearam os trabalhos realizados pelos orientandos” (SPOSITO, 2005, p. 59).

Nessa época, o GAsPERR era ainda um grupo acadêmico, a ênfase como grupo de pesquisa só ganhou corpo após um seminário de avaliação, quando o professor Heinz Dieter Heidemann, da Universidade de São Paulo, destacou que o grupo tinha crescido muito, com uma grande quantidade de alunos, temas de pesquisa, entre outros. O grupo de pesquisa cresceu, os eixos de pesquisa estruturantes deram lugar aos projetos de pesquisa baseados em conceitos e temas (produção do espaço, dinâmicas territoriais, centralidade urbana etc.) e, mais recentemente, com o amadurecimento das pesquisas, as atividades têm sido orientadas por conceitos (produção do espaço, centralidade urbana, urbanização difusa, território etc.), processos (dinâmicas territoriais, industrialização em São Paulo, eixos de desenvolvimento etc.) e recorres analíticos (cidades médias por meio da relação espaço-tempo)².

Embora tenha acompanhado essas mudanças pelas quais o GAsPERR passou ao longo dos últimos 25 anos, Eliseu manteve essa característica de estar disposto a novos temas e desafios, estabelecendo uma parceria com seus orientandos e alargando os horizontes de reflexão e conhecimento. Nas palavras do homenageado, “além de orientar em temáticas da Geografia Econômica, também tive e tenho, nesses últimos anos, orientandos que trabalham outros temas” (p. 72) como ensino de Geografia, Epistemologia da Geografia e

¹ Sposito (2005, p. 54).

² Sposito; Whitacker (2019).

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 135-144, mês Nov. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

Outros temas (uso mercantil da paisagem). É por isso que o homenageado não pode ser facilmente acomodado nas “caixinhas” das especializações pelas quais passa a nossa ciência, ao contrário, sua contribuição perpassa a Geografia Humana, a Geografia Regional e a Teoria e Método.

Essa versatilidade de orientação e produção do conhecimento se reflete num universo amplo e diverso de orientandos(as) hoje espalhado(a)s pelo país, inserido(a)s em instituições de ensino superior, ensino técnico e ensino fundamental e médio, que, direta e indiretamente, contribuem para a continuidade de seus aportes teórico-metodológicos e suas reflexões destinadas às leituras das mudanças no mundo da produção material e imaterial, ao ensino da Cartografia na Geografia, à importância da teoria e do método na produção do conhecimento em Geografia, entre outros.

A construção do argumento

Lembro-me das diversas orientações e de aulas de metodologia nas quais Eliseu sempre reforçava que a produção de conhecimento consistia na construção de um **argumento**, não apenas sustentado por um método e seus componentes (leis, teorias e conceitos), senão ainda pela sua capacidade de desnudar a realidade objetiva. Sempre nos alertava para os riscos dos dogmatismos e ortodoxias sem a preocupação com a realidade, que poderiam culminar em doutrinas estereis e ecléticas, ao mesmo tempo em que alertava para os riscos da falta de método que levava a argumentos frágeis ou vazios. A propósito das tendências doutrinárias diferentes quanto ao método, alertava que “precisamos deixar claro, no entanto, que qualquer um de nós que pretende debater a importância do método na Geografia deve explicitar sua posição quanto à importância do método e à escolha feita”³.

Sempre dizia, seja nos seus escritos seja durante as orientações, que os encaminhamentos do método, dedução e indução, deveriam ser exercícios per-

³ Sposito (2004, p. 51).

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 135-144, mês Nov. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

manentes no desenvolvimento da pesquisa, mas nunca confundidos com o método. Era um recado para os perigos do conhecimento carregado de discursos e desconectados da perspectiva histórica, mas também para os empirismos e dificuldades de elaboração de abstrações capazes de nos apoiar na leitura geográfica dos fenômenos sociais. Era uma forma de nos dizer que, no processo de produção do conhecimento, nossos esforços deveriam ser permanentes no sentido de construção intelectual da realidade do social - por meio de leis, conceitos e teorias -, sempre visando à objetivação da realidade concreta.

Como diz o provérbio, *santo de casa não faz milagre!* Apesar das orientações e da sua contribuição ao método e à metodologia da ciência, recordo de um momento marcante durante o doutorado. Havia reunido um vasto material sobre a internacionalização do capital e sobre os processos de expansão das empresas oriundas da periferia do sistema capitalista, sob a forma de livros, artigos, capítulos de livros, entre outros, por meio de levantamento em diversas bibliotecas e em estágios de pequena duração em alguns países da América Latina. Eliseu sempre me atendia quinzenalmente e, para cada diálogo, eu levava por debaixo dos braços uma pilha de livros e artigos. Ninguém queria marcar uma reunião depois de mim, eu deixava Eliseu esgotado e sempre estendia a orientação para além do horário.

Após várias reuniões, certo dia lá estava eu, à porta do GAsPERR para mais uma orientação. Sob as mãos, como não poderia deixar de ser, carregava diversos livros e textos. Nesse dia, assim que sentei, Eliseu perguntou se os livros e textos eram novos, se eram leituras posteriores à última reunião. Após o meu sim, Eliseu perguntou como estava meu plano provisório de redação? Como iria distribuir as leituras e os dados primários e secundários ao longo dos capítulos? Qual seria o argumento construído? Afinal, restavam poucos meses para a defesa e sequer havia entregue um manuscrito para a sua apreciação. Ao final, a tese foi redigida e defendida, não sem o ensinamento que Eliseu sempre tem deixado a cada um de seus orientandos, de uma prática da ciência como razão de existência.

Embora nem todas as temáticas orientadas fizessem parte do seu *métier* e de suas pesquisas em andamento, sua contribuição era fundamental nos recortes e problemáticas, nos níveis teóricos e epistemológicos, estimulando-nos a incorporar criticamente os conceitos de outros campos disciplinares e a superar nossas dificuldades (com leitura, redação, língua estrangeira etc.). Após toda viagem que fazia a eventos, sempre trazia livros relacionados a temáticas desenvolvidas por cada orientando(a), mostrando a relevância da temática de cada um e a sua parceria incondicional no nosso processo de formação intelectual, profissional e pessoal.

A Universidade como *locus* de mudança social

Eliseu tinha (e tem) uma maneira muito peculiar de trato com cada orientando(a), dosando a rotina de orientação, o tempo e a periodicidade segundo o amadurecimento intelectual, o domínio da língua vernácula, o estado emocional, entre outros, de cada aluno(a). Essa peculiaridade revela sua sensibilidade às vezes pouco percebida. Confesso que só pude identificar essa característica anos depois, quando a atividade laboral e as experiências acumuladas levaram-me a ressignificar o passado. Esse exercício retrospectivo e introspectivo revela a influência que carrego de sua orientação sobre minhas práticas acadêmicas e, imagino, que também esteja presente em outros(as) alunos(as) que Eliseu orientou ao longo de sua trajetória acadêmica.

A seletividade de nossa memória guarda relação com o grau de importância e de significado dos eventos para nós. Algumas situações significativas mostram a sensibilidade com que Eliseu conduzia cada orientação e cada processo de formação e amadurecimento intelectual de seus(suas) orientandos(as). Certa vez, solicitei uma reunião para tratar da leitura de um livro, *Por uma outra globalização*, escrito por Milton Santos, era o primeiro livro que havia lido na universidade. Durante a reunião, comentei que havia sido uma leitura muito difícil, sendo complicado compreender as ideias do autor.

Eliseu, então, comentou que aquela era uma obra quase paradigmática, constituindo-se no livro mais fácil para um aluno de início de graduação. Minhas dificuldades não se restringiam à leitura e análise de textos, a redação também era precária. Os meus *papers* que Eliseu corrigia vinham mais com correções, em vermelho, que com os textos originais. Vindo de uma escola pública, minhas dificuldades com leitura, análise e escrita de textos acadêmicos saltavam à vista.

Eliseu, a seu modo, em cada orientação e correção, mostrava os caminhos para a formação acadêmica e cidadã, levava-me pelas mãos para conhecer o mundo dos advérbios, dos pronomes demonstrativos, das crases. Senti-me muitas vezes provocado a fazer da adversidade uma virtude, não sem choros (às escondidas) e pequenos percalços. Com o tempo, Eliseu passou a dizer que estava corrigindo os textos por amostragem e eu, imaturo, não conseguia ver que não era para evitar a leitura de meus textos truncados, mas um elogio para que continuasse a evoluir na redação. Foi em 2008, logo após as arguições da defesa de mestrado, que essa sensibilidade ficou mais evidente, quando Eliseu pediu a palavra, antes de ler o parecer da banca, para dizer que a Universidade deveria acreditar na inclusão dos alunos de escola pública, e que aquela dissertação fora escrita por um aluno que soube superar todas as dificuldades de sua formação.

Mas, essa dissertação por mim mencionada, depois o doutorado e o ingresso na carreira docente de professor de magistério superior não teriam sido possíveis sem outra demonstração de sensibilidade. Em meados de 2006, após a defesa do TCC, as circunstâncias levaram-me a tomar a decisão de retornar a minha cidade de origem; informei Eliseu numa reunião de orientação. Na semana seguinte, não apenas Eliseu, mas também outros colegas, disseram que Carminha, Maria Encarnação Beltrão Sposito, queria conversar comigo. Todos brincavam que eu deveria ter feito algo errado e passei alguns dias tentando entender se tinha feito ou comentado algo. Lembro-me que, quando nos encontramos no laboratório do grupo de pesquisa, Carminha marcou uma reunião comigo. À proporção que os dias se passavam, aumentava a minha

aflição, não fazia ideia do que seria tratado. No dia da reunião, Caminha iniciou o diálogo relatando sua leitura sobre minha trajetória no GAsPERR e no curso de Geografia, guardo cada palavra com muito carinho. Penso que não eram apenas suas palavras, mas também de um orientador que me acompanhava por mais de quatro anos.

Essa reunião foi um divisor de águas tanto na minha vida acadêmica quanto na minha vida pessoal. Todas minhas aflições pessoais e materiais se diluíram graças a uma sensibilidade de pessoas que desempenham um papel fundamental na nossa formação acadêmica, mas também na nossa formação enquanto cidadãos. Escrever esses poucos parágrafos, num momento em que sofremos todo tipo de cortes de recursos e somos impelidos a tomar as ruas para mostrar a importância da universidade, foi um dos exercícios mais gratificantes. Eliseu mostrou a cada um de nós a relevância de um argumento sólido e coerente, a importância do conhecimento como processo em permanente construção, mas também, e principalmente, que a Universidade é o espaço de formação pessoal e cidadã, *locus* de transformação pessoal e social. Não consigo pensar numa outra práxis que não seja a defesa da Universidade Pública que seja inclusiva e transformadora, algo que você, Eliseu, ensinou a cada um de nós!

REFERÊNCIAS

- SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia**. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- SPOSITO, Eliseu Savério; WHITACKER, Arthur. Magon. GAsPERR – Um grupo de pesquisa em diferentes tempos. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 41, v. 1, p. 10-29, Jan./Jun. 2019.
- SPOSITO, Eliseu Savério. Dinâmica econômica, fluxos e eixos de desenvolvimento. Avaliação da construção de uma temática. In. _____ (Org.). **Produção do espaço e redefinições regionais: a construção de uma temática**. Presidente Prudente: UNESP/FCT/GAsPERR, 2005, p. 53-83.
- SPOSITO, Eliseu Savério. A propósito dos paradigmas de orientações teórico-metodológicas na Geografia contemporânea. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, p. 99-112, 2001.

Sobre o autor

Leandro Bruno Santos

Possui Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente (2005). É mestre (2008) e doutor (2012) pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, com estágio sanduíche na Benemérita Univerdad Autónoma de Puebla (BUAP). Foi professor Assistente Doutor, entre 2013 e 2015, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Ourinhos. Atualmente é Professor Adjunto do Curso de Geografia, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR), Universidade Federal Fluminense (UFF). É também credenciado como docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPG) no ESR/UFF. Coordena o Núcleo de Estudos em Economia Política Geográfica (NEEPG). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Econômica, Geografia Industrial e Geopolítica, atuando principalmente nos seguintes temas: Estado, Mundialização, Empresas Multinacionais, Investimentos Diretos Estrangeiros, Estruturas de Mercados, Teorias da Localização Industrial. É autor dos livros "O capitalismo industrial e as multinacionais brasileiras", em co-autoria com Eliseu Savério Sposito, e "Estado e internacionalização das empresas multilatinas". Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE) pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ.

Como citar essa homenagem

SANTOS, L, B. Eliseu Savério Sposito: a construção do argumento e a defesa da Universidade Pública. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 13, n. 06, p. 135-144, 2019.